

A LITERATURA INFANTIL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: importância e contribuições para a formação de leitores

Dameres Araújo Teles

Aluna de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus de Parnaíba

Maria Perpétua do Socorro Beserra Soares

Professora da Universidade Federal do Piauí, Campus de Parnaíba. Mestre em Educação pela UFPI

RESUMO

O artigo analisa a importância e as contribuições da literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo geral é investigar a contribuição da literatura infantil para a formação de leitores e os específicos são: identificar a importância da literatura infantil, verificar projetos desenvolvidos na escola acerca da leitura e observar a prática pedagógica dos professores para despertar o interesse pela literatura infantil. Como referencial teórico, utilizamos Cunha (1974), Coelho (1986), Frantz (2011), entre outros. A abordagem metodológica é qualitativa e as técnicas de coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. Empregamos o estudo de caso do tipo etnográfico com base em André e Lüdke (1986), entre outros. Os resultados evidenciam que a literatura infantil tem sido fundamental para o desenvolvimento da leitura nas crianças. Por isso ela deverá ser um instrumento que possibilitará as crianças considerarem a leitura como prática social em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Leitura. Livro.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre a literatura infantil, e foi realizada em uma escola municipal nos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Parnaíba-PI.

A literatura infantil proporciona às crianças diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, ou seja, possibilita o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. Permitindo assim, que elas possam ter acesso à leitura e a escrita de maneira divertida, pois quanto mais as crianças lerem, melhores desenvolvimentos na escrita obterão. Lendo constantemente, a criança escreverá melhor, pois há uma internalização das estruturas da língua. Por isso, é importante aproximar as crianças dos livros literários.

O professor deve estimular seus alunos à leitura desde os anos iniciais, pois esse incentivo consequentemente irá refletir no futuro das crianças. Evidentemente existe uma enorme diferença entre uma criança que desde a infância se envolve no mundo da leitura e um adolescente ou adulto que o faz tardiamente.

Diante disso, o professor encontra um grande dilema: Como fazer com que seus alunos despertem o gosto pela leitura? A literatura infantil é desta forma, uma ferramenta que poderá auxiliá-los nessa empreitada. Desta pesquisa emergiu o seguinte problema: Quais as contribuições da literatura infantil nos anos iniciais do Ensino Fundamental para a formação de leitores?

Traçamos como objetivo geral investigar a contribuição da literatura infantil para a formação de leitores. Os objetivos específicos são: identificar a importância da literatura infantil, verificar projetos desenvolvidos na escola acerca da leitura e observar a prática pedagógica dos professores para despertar o interesse pela literatura infantil.

Como referencial teórico, utilizamos Bettelheim (1980), Barbosa (1999), Cunha (1974), Coelho (1986), Carvalho (1989), Cademartori (2010), Frantz (2011), Góes (2010), Zilberman (1994), entre outros. A abordagem metodológica utilizada para a realização da pesquisa é de cunho qualitativo e as técnicas de coleta de dados utilizadas foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. O estudo de caso realizado foi do tipo etnográfico. Respaldamos nos estudos de André e Lüdke (1986), Bogdan e Biklen (1994), André (1995), entre outros.

A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

O que é literatura infantil?

Coelho (1986) argumenta que literatura é arte, é um ato criativo que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem ao que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformado em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção.

A literatura infantil tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, principalmente em relação à formação de alunos que gostam de ler, pois ela estimula-os à leitura através do atrativo e do belo que compõe os textos literários. Cunha (1974, p.45) afirma que:

A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de atuar.

O início da literatura infantil brasileira

De acordo com Cademartori (2010), em meados dos anos de 1986, período em que escreveu a primeira edição de *O que é literatura infantil*, o gênero literário destinado às crianças começou a ser alvo de discussões e a ser valorizado pela comunidade acadêmica. Nesta época o Ministério da Educação distribuiu livros literários para as crianças nas escolas e bibliotecas do país. Essa iniciativa pioneira era denominada, Programa Salas de Leitura e era desenvolvido pela Fundação de Assistência ao Estudante.

Conforme Frantz (2011), a história da literatura infantil brasileira começa com Monteiro Lobato. Ele foi o primeiro autor que escreveu para as crianças brasileiras, histórias com qualidade literária. Antes a literatura destinada às crianças, era a literatura européia clássica, tradicional, traduzida ou adaptada para o idioma brasileiro. Em 1921 Monteiro Lobato publica a obra que inaugura a literatura infantil brasileira, intitulada *A menina do narizinho arrebitado*.

A criança no mundo da leitura: a literatura infantil

De acordo com Carvalho (1989) a literatura – mitos, histórias, contos, poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é um das mais nobres conquistas da humanidade, a conquista do próprio homem. É conhecer, transmitir e comunicar a aventura do ser. Só esta realidade pode oferecer-lhe a sua verdadeira dimensão. Só esta aventura pode permitir-lhe a ventura da certeza de ser. Zilberman (1994, p.22) argumenta o que segue:

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

É fundamental que cada criança tenha o gosto, o prazer pela leitura, pois essa é uma dimensão essencial na vida de qualquer ser humano. Quando lemos estamos exercitando a mente e aguçando nossa inteligência. De acordo com Moric (1974), a literatura constitui uma arte, mas também representa um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção do mundo, suas ideias, seu gosto. Nas palavras de Góes (2010, p.47):

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico,

principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece.

Os textos literários são fundamentais às crianças, pois mexem com suas fantasias, emoções e intelecto, sendo apresentados a elas com uma estética atrativa e também por envolverem o lúdico. Bordini (1985, p. 27-28) afirma o seguinte “os textos literários adquirem no cenário educacional, uma função única, singular: aliam à informação o prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa, conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva”.

É através das emoções, ludismo, imaginação e fantasias que a criança apreende, ou seja, entende a realidade, dando-lhe um significado.

Diante de um mundo globalizado em que o poder da mídia é massificador, é de extrema importância que pais e professores atuem em conjunto despertando nas crianças desde os anos iniciais, o desejo pela leitura. Desta forma, no decorrer dos anos à medida que forem amadurecendo, poderão ser adultos capazes de fazer uma leitura além do que lhes está exposto, ou seja, o que mundo globalizado quer realmente expressar ou difundir nas entrelinhas.

A literatura infantil é o caminho que leva as crianças ao mundo da leitura de maneira divertida, pois através de seu caráter mágico e lúdico faz com que a atenção das crianças se volte a ela. Entretanto, a escola muitas vezes não tem proporcionado aos seus alunos esse caráter mágico e lúdico da literatura infantil. A leitura não é apresentada à criança como algo belo e prazeroso, daí vem à má formação de nossos leitores. Desta forma, teremos adultos que não sentem prazer pela leitura e nem a adotam como uma prática social indispensável. Cabe assim, aos professores essa árdua tarefa. Eles precisam produzir atividades divertidas, desenvolver em suas aulas metodologias diversificadas, fugindo assim de atividades rotineiras que desligam os alunos do prazer pela leitura.

A escola tem como um dos objetivos primordiais, preparar o educando para exercer a cidadania, em que se procura alcançar uma educação transformadora e libertadora, mas como ela alcançará esse objetivo se não formar leitores praticantes que sejam conscientes dos direitos e deveres que constituem a cidadania? Uma educação humanizante tem que obrigatoriamente focar a prática da leitura. Nas palavras de Maria (2002), a eficácia da escola pode ser medida no modo como conseguiu prover o aluno de competência linguística para o exercício consciente de sua cidadania.

Como somos conhecedores, teoria e prática não devem andar separadas ou desvinculadas, por isso o professor que deseja despertar nos seus educandos o gosto pela

leitura, deve ser antes de tudo um constante leitor, fazendo com que suas palavras tenham um real valor para as crianças e para si mesmo. E sendo um mediador do diálogo entre o texto e o leitor. De acordo com Maria (2002), para acompanhar o processo de formação do aluno-leitor é imprescindível que o professor tenha construído ou esteja construindo, para si próprio, uma história de leitor.

Mas porque damos tanta ênfase à leitura? Através da leitura podemos ler o mundo que nos rodeia, fazendo indagações e passando a compreender a realidade. Segundo Manguel (1997), todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

Afinal, quais as características que as obras literárias dadas às crianças devem possuir? Frantz (2011, p. 53-60) destaca algumas características que precisam ser evitadas para que a leitura não se torne desagradável para as crianças. São elas:

- a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos;
- b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam.
- c) Adultocentrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os.
- d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis.
- e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade.

Torna-se evidente que as obras literárias devem possuir algumas dessas características, mas tudo de maneira equilibrada, sem inferiorizar a criança.

A literatura infantil dada nos anos iniciais não pode deixar de privilegiar a poesia infantil, pois nos textos poéticos direcionados ao público infantil a valorização do lúdico está muito presente, o que atrai de maneira significativa as crianças. Segundo Frantz (2011, p.122):

A poesia convida-nos a viver a fantasia a soltar a imaginação, a sentir a realidade de maneira especial, mágica, a ver e buscar sentidos em tudo que nos rodeia e a expressá-los de forma simbólica, lúdica, criativa, nova, prazerosa... poética. É quando o belo se sobrepõe ao útil.

A criança é inserida no mundo da leitura mesmo antes de saber ler, pois o primeiro contato com a leitura se dá por meio da audição de histórias. Com tantos avanços tecnológicos, ouvir histórias contadas parece não despertar o interesse em ninguém, entretanto

muitas crianças gostam da maneira com o professor se expressa corporalmente e verbalmente ao contar uma história.

Ao ouvir histórias a criança não é envolvida apenas no aspecto emocional, mas também cognitivamente, pois seu pensamento é estimulado a buscar significação para o que ela está ouvindo e elabora internamente esse universo significado. De acordo com Barbosa (1999, p. 22):

Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através da narrativa a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, a socialização. Consequentemente, são mais criativas, saem-se melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes.

Os contos de fadas também são essenciais. Nas palavras de Jesualdo (1993, p.136-137), existem pessoas contrárias a se darem contos de fadas às crianças:

Os homens graves e, mais que graves dotados de um espírito que não vacilamos em qualificar de falsamente racionalista ou científico são contrários a que se narre contos de fadas às crianças. Dizem eles que “essas bobagens somente contribuem para falsear o espírito, gerar nas crianças o gosto pelo maravilhoso, incliná-las à credulidade e a afogar nelas o germe de todo sentido crítico”.

Entretanto, isso não é cabível, pois à medida que a criança vai crescendo e amadurecendo ela toma consciência do que é real, na ficando presa ao mundo da fantasia.

Os contos de fadas são carregados de significados e não podem ser esquecidos nas leituras que as crianças farão e as que lhes serão dadas. Bettelheim (1980, p.14) explica:

Esta é a mensagem que os contos de fadas transmitem às crianças de forma múltipla: uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana; e se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as pressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa.

Também em relação à composição das bibliotecas infantis, elas devem ser repletas com bons e atrativos livros. Conforme Meireles (1984, p. 145-146):

As bibliotecas infantis [...], têm a vantagem não só de permitirem à criança uma enorme variedade de leituras, mas de instruírem os adultos acerca de suas preferências. Pois, pela escolha feita, entre tantos livros postos à sua disposição, a criança revela o seu gosto, as suas tendências, os seus interesses.

A biblioteca é um lugar de obtenção de informações, por isso o livro deve ser valorizado. Nas palavras de Góes (2010, p. 55):

No bombardeio visual dos dias que correm, a biblioteca tem um papel tão essencial quanto insubstituível [...]. A biblioteca deveria, pois, ser um lugar de intercâmbio, troca, informação, integração na comunidade [...]. É princípio das bibliotecas proporem atividades bem diversas. Porém essas atividades só devem existir se derivarem de uma relação com o livro.

O livro infantil deve ter o objetivo de sempre chamar a atenção da criança logo que ela o vê. Alguns livros falham no que diz respeito ao aspecto ilustrativo. Entretanto, isso não pode ocorrer nos livros infantis, pois as ilustrações trazem informações significativas, mostrando como são os personagens. Dessa forma, dá-se uma maior veracidade à história.

Palo e Oliveira (2006, p.15), dizem que nos livros o mais comum é o aparente diálogo que, no fundo, esconde um tom único, monológico, privilegiando a informação construída pelo texto verbal em detrimento daquela oriunda do visual.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada para a realização da pesquisa é de cunho qualitativo. Além da denominação qualitativa, também é intitulada como naturalística. De acordo com André (1995, p.17), ela recebe esses conceitos pelos seguintes fatores:

Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

As técnicas de coleta de dados utilizadas foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. De acordo com André e Lüdke (1986, p.26-34):

A observação é o principal instrumento da investigação, pois o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A introspecção e a reflexão pessoal têm papel importante na pesquisa naturalística. Na entrevista a relação que se cria entre o pesquisador e o pesquisado é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. A entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

A pesquisa qualitativa adota o estudo de caso do tipo etnográfico, porque utilizamos as técnicas da etnografia. As palavras de André (1995, p.27-31) ressaltam essa afirmação:

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo, fazendo uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista e a análise de documentos. Para que seja reconhecido como um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que preencha os requisitos da etnografia e adicionalmente, que seja um sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites, tal como uma

pessoa, um programa, uma instituição ou grupo social. O caso pode ser escolhido porque é uma instância de uma classe ou porque é por si mesmo interessante.

Nesse tipo de investigação, o pesquisador deverá apreender e retratar a visão pessoal dos participantes. Ele deverá se aproximar de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Também há uma ênfase no processo, ou seja, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais.

Segundo André (1995) na pesquisa etnográfica existe a constante interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. O pesquisador é o instrumento principal na análise e coleta de dados. Ele responde ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta e se necessário, rever as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) esse tipo de pesquisa trabalha com o ambiente natural e envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada.

RESULTADOS

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal, na cidade de Parnaíba-PI. Fizemos a entrevista semiestruturada e a observação da aula da professora do 1º ano, a qual identificamos com o nome fictício Margarida. No que diz respeito à sua formação, ela respondeu o seguinte:

Sou formada há três anos em Normal Superior, comecei em 2001 e terminei em 2004. Trabalho nessa escola há três anos, mas já trabalhei em outras escolas. Na Escola Miriam Lopes trabalhei dez anos, no Caic três meses e na escola Dr. João Silva Filho na Pedra do Sal, trabalhei cinco anos.

A professora Margarida enfatiza que a literatura infantil é essencial para a criança, como se pode verificar em sua fala:

A literatura infantil é muito importante pra criança porque trabalha muito com a oralidade, as crianças fazem o reconto e isso trabalha com a interpretação, também desinibe a criança. Ela ajuda no desenvolvimento da leitura porque nós trabalhamos com textos. As crianças conhecem o alfabeto, mas nenhuma está no nível alfabético ainda. Eu pego os livros de literatura infantil na secretaria e trago pra sala de aula. Atualmente a escola não possui projetos relacionados à leitura, mas já estou providenciando o cantinho da leitura só falta colocar o nome na parede e trazer uma estante que tenho pra colocar os livros. Não acredito que tenha algum problema para trabalhar com a literatura infantil, pois na escola tem muitos livros. Faço dramatizações com os alunos, tenho meu chapéu de contadora de história, trabalho com parlendas, história em quadrinhos. Aqui no ano passado tinha o programa QualiEscola, com ele as crianças aprendem a ler com mais facilidade, pois tem seqüências didáticas pra aplicar com as crianças, mas esse ano ainda não começou.

Os alunos são avaliados continuamente de acordo com as atividades que são desenvolvidas nas aulas, como relata a referida professora:

Avalio os alunos continuamente, fazendo várias atividades com eles, por exemplo, listas de nomes, sequências didáticas, além de dramatizações. Vou percebendo a evolução de cada um, no decorrer do ano letivo. Quando trago textos, faço a mobilização antes da leitura e eles participam muito.

Na observação da aula, Margarida começou a aula perguntando para as crianças qual era a data e o dia da semana. Depois que elas responderam, ela perguntou de quais letras se precisava para escrever o dia da semana. Então, as crianças foram respondendo, por exemplo, como era quarta-feira, ela perguntou de quais letras se precisava para escrever “quar”, e assim sucessivamente.

Depois disso, a docente retomou uma história que foi lida na aula anterior. O nome dessa história era: “O menino que aprendeu a ver”. A professora fez uma mobilização antes de recontá-la, perguntando se as crianças lembravam-se do nome da autora e o que ela fazia. Logo em seguida perguntou como se escrevia o nome da mesma, e as crianças iam falando. Depois escreveu o nome Ruth Rocha no quadro e as convidou para baterem palmas quantas vezes era preciso para falar o nome Ruth. Por último, perguntou se tinha alguém na sala que o nome começava com a letra R.

Antes de começar a contar a história, a professora perguntou qual era o título e as crianças responderam. Então ela começou a contá-la, e ia mostrando as ilustrações. As crianças eram muito participativas e quando a professora perguntava algum detalhe da história, elas respondiam prontamente. Por exemplo, ao perguntar o porquê de o menino não conseguir enxergar nada nas placas do ônibus ou em qualquer outro lugar, as crianças falaram que era porque ele não sabia ler.

Ao terminar a história, as crianças receberam uma atividade com as seguintes perguntas:

Veja o título do texto estudado: “O menino que aprendeu a ver”.

- Quantas letras tem o título?
- Pinte no título os espaços entre as palavras;
- Escreva quantas palavras tem no título;
- Transcreva a maior palavra do título;
- Quantas são as vogais? Quais são?
- Quantas consoantes há? Quais são?

Para que as crianças realizassem essa atividade, a professora as auxiliou e também ia escrevendo no quadro as respostas que elas falavam para que conferissem se realmente estava certo.

CONCLUSÃO

A literatura infantil deverá ser utilizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como instrumento que possibilitará as crianças considerarem a leitura como prática social. É através dela que a leitura será desenvolvida nas crianças de maneira a proporcionar um maior prazer pela mesma.

O professor deverá assim, realizar atividades diversificadas que envolvam a leitura. É fundamental que sejam feitos contos e recontos de histórias, mas antes disso, é essencial que seja feita uma mobilização da história a ser contada. O docente também poderá trabalhar com o texto, fazer dramatizações, contar lendas, parlendas, rimas, enfim, são múltiplas as possibilidades de atividades. Fazendo isso, a leitura será apresentada às crianças como algo belo, prazeroso e divertido, possibilitando que elas se interessem pelo ato de ler. Somente assim, os professores conseguirão fazer com que as crianças desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, se tornem adultos que tenham a leitura com prática social em suas vidas. Daí vem a relevância de incitar o despertar e o prazer pela leitura, por meio da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARBOSA, R. T. P. A leitura em dois pontos: ler e contar histórias. **Releitura**, n. 12, 22/ 03. Belo Horizonte, 1999.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORDINI, M. G. Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante. **Perspectiva – Revista do CED**. Florianópolis: UFSC, 1985.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Coimbra, Portugal: Porto Editora, 1994.

- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica** 6. ed. São Paulo: Global, 1989.
- COELHO, N. N. **Literatura e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1986, p. 29-31.
- CUNHA, M. A. A. **Como ensinar Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Discubra, 1974, p. 45.
- FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- JESUALDO. **A literatura infantil**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- MARIA, L. **Leitura e colheita - Livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- MORIC, R. **O livro como meio de informação**. Informe 4, 22 outubro de 1974- Secção Tcheca do IBBY.
- PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. **Literatura infantil: voz de criança**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.